

Nome: Angelina Lopes Luís Aguires Ngungui

E-mail: aguiaresa@gmail.com

Instituição: Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela da Universidade Katyavala Bwila, Angola

Título da comunicação: A aula oficina, uma oportunidade de dar “voz” aos alunos da 10.^a classe em contexto angolano

Resumo

O Sistema educativo angolano vive um período de contínuas reformas nas quais se incluem a adoção de novas práticas letivas. O ensino da História é parte deste processo e como tal, a “aula oficina” constituindo um modelo de aula de caráter construtivista, dissonante das práticas letivas realizadas na realidade em foco, pode, no nosso entender, responder aos princípios definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo angolano. Nesta consideram-se objetivos que visam formar cidadãos competentes para enfrentar com consciência pessoal e social as exigências que requerem as sociedades plurais.

Assim, enquadrámos o nosso estudo na perspetiva de educação e consciência histórica, que tem vindo a ser desenvolvido por diversos investigadores de vários países, colocando-nos neste diálogo entre várias abordagens em torno de questões de ensino e aprendizagem em História.

Para o efeito, utilizámos uma amostra da população a frequentar a 10.^a classe de uma escola do ensino secundário. Pretendeu-se analisar a consistência das ideias históricas dos alunos, utilizando como suporte os conteúdos referentes aos principais problemas da História da África, tendo em conta as suas diferentes características, em torno do pensamento histórico destes jovens.

O nosso itinerário de investigação optou pelo método do estudo de caso com a utilização de técnicas de recolha de dados como o questionário aos alunos. As respostas ao questionário foram analisadas através da *análise de conteúdo* tendo em conta a qualidade do pensamento dos alunos à luz da epistemologia da História (Lee, 2001). Procedeu-se, também, a uma análise quantitativa para apresentação dos resultados.

Entre as conclusões deste estudo, salienta-se que das respostas dos alunos se geraram diferentes categorias de conceptualização que gravitaram entre “Não respondeu” e “Valores”, no âmbito de questões epistemológicas que se discutem hoje sobre a Historiografia.

Palavras-chave: Pensamento histórico, Mudança conceptual , Aula oficina.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de responder às intenções plasmadas na lei de Bases do Sistema Educativo angolano que mantém entre os seus objectivos formar cidadãos pró-activos que possam fazer face às mudanças dinâmicas que o mundo atravessa, considerámos oportuno realizar uma experiência pedagógica de âmbito construtivista. Embora seja a aula oficina uma inovação no quadro nacional, parece-nos necessário e urgente pôr em prática, novas formas de ensinar e de aprender que constituem já o processo de ensino e aprendizagem da disciplina de História em diversos contextos educativos internacionais.

Hoje, os professores, de modo geral, e com particular incidência os de História, debatem-se com inúmeras mudanças, originárias do aumento do acesso à escolaridade, da diversidade cultural dos alunos e, muitas vezes, do desinteresse destes pelas aulas e pela disciplina. Também pelas responsabilidades educacionais acrescidas da escola, que exige, normalmente do(s) professor(es) tarefas acrescidas, sendo o seu papel largamente questionado.

Diante de tais exigências, o professor vê-se impelido a buscar estratégias, para que as suas práticas lectivas conduzam à aprendizagem significativa do aprendente.

Neste quadro, o professor precisa de ser confrontado com novas práticas, com outras formas de fazer, pois é no debate de diferentes pontos de vista que se realiza o seu desenvolvimento profissional, (Machado, Alves & Gonçalves, 2011).

Desta forma a “aula oficina” surge como uma nova forma de abordagem metodológica que não se preocupa em ver o aluno chegar a um conhecimento acabado, mas encorajá-lo a interpretar os recuos e avanços do seu processo de aprendizagem, como uma realidade em que a análise das suas ideias prévias pode e deve contribuir para a construção do conhecimento histórico a partir de um conjunto de informação que o professor preparou.

Independente do tema em estudo, a execução da “aula oficina” implica uma complexidade de tarefas que visam promover as aprendizagens dos alunos, com atividades cognitivas como as de exploração de diversas fontes (primárias e secundárias). A aula deve ser planificada considerando diferentes momentos: um tempo de esclarecimento(s) por parte do professor, seguindo-se tarefas de análise, interpretação, crítica e debate entre os intervenientes que em trabalho de pares desenvolvem momentos de reflexão e de síntese. Este tipo de aula em termos de dinamismo favorece distintas formas de interação professor/aluno, aluno/aluno.

Quando é devidamente planificada pelo professor, considerando a seleção de um conjunto de fontes diversificadas com um questionamento adequado, torna-se eficaz e conduz a uma aprendizagem significativa. O aluno torna-se, assim, artífice de um conhecimento histórico genuíno.

É neste espírito que foi implementado o estudo aqui reportado em sala de aula, numa perspectiva de construtivismo social, mantendo o foco na ideia de que os sujeitos constroem a sua própria aprendizagem. Logo a necessidade de “dar voz” a estes alunos e compreender as suas ideias históricas torna-se relevante.

Objectivo do estudo

O estudo teve como objectivo fundamental:

- Indagar a aplicabilidade do modelo de uma aula construtivista em contexto de sala de aula;

Desenho teórico

Tratou-se de um estudo de caso, e que recorreu a um tratamento qualitativo e quantitativo simples, das produções dos alunos desenvolvidas em contexto de sala de aula real.

Amostra participante

A experiência teve lugar numa Escola do Segundo Ciclo do Ensino Secundário, numa turma da 10^a classe. Esta turma era composta por 42 alunos com idades compreendidas entre 21 a 26 anos, tendo participado na experiência 41 alunos.

Técnicas de recolha de dados

Para o efeito, o nosso itinerário elegeu como técnicas de recolha de informação a observação directa e indirecta sobre o ensino e os sujeitos nele implicados, em distintos meios e formas de observação, nomeadamente:

- Observação participante
- Entrevista
- Inquérito
- Análise de conteúdo

Procedimentos no terreno

A questão orientadora que norteou a aula foi a seguinte:

Que motivações estiveram na base da redescoberta do continente africano?

A aula, que teve a duração de 90 minutos, decorreu em três momentos:

1º Momento – Levantamento das ideias prévias dos alunos acerca do conceito orientador.

2º Momento _ Aula de tratamento do tema.

3º Momento – Levantamento das ideias dos alunos na fase final da aula.

No primeiro momento: foi realizado através do esclarecimento, pela professora, sobre as etapas da metodologia e da dinâmica de trabalhos a utilizar, visando banir alguma inibição que eventualmente pudesse surgir pela utilização de uma metodologia nova no contexto em estudo. De igual modo, a professora explicitou aos alunos que as aulas seriam gravadas e fotografadas, para evitar a surpresa e a distração durante a experiência. Procurámos perceber que ideias os alunos da 10ª classe tinham acerca da “Redescoberta da África”.

Na sequência desta introdução, foram distribuídas as fichas devidamente estruturadas, para que os aprendentes respondessem às questões, em grande grupo e/ou individualmente.

No Segundo momento: fez-se a introdução ao tema recorrendo-se a diferentes fontes, nomeadamente: quatro caricaturas referentes à temática em foco (Fonte 1 e 2).

Os alunos participaram ativamente, sendo necessário colocar ordem para evitar a algazarra, já que todos queriam emitir as suas opiniões sobre as fontes apresentadas (ver anexo).

No terceiro momento: após a interpretação das fontes pelos alunos, a professora fez a conclusão da aula, projectando na tela a síntese dos conteúdos apresentados.

No último momento, a professora procedeu à consolidação das ideias e pontos de vista emitidos pelos alunos, considerando a possibilidade de reforçar as ideias mais válidas e corrigindo as menos válidas, ao mesmo tempo que fez as conclusões dos conteúdos ministrados nestes últimos 90 minutos.

Por fim, a professora convidou os alunos a elaborarem individualmente uma narrativa sobre “que motivações estiveram na base da redescoberta da África?” recolhendo o trabalho realizado.

A análise de dados permitiu-nos perceber quão útil é “dar voz” aos alunos e observar as perspetivas que os mesmos tomam ao interpretar e ao inferir sobre as fontes que exploram; se a interação é equilibrada, e que relações estabelecem entre o que observam com as Histórias do seu mundo.

Por uma questão de economia de tempo, apresentamos os resultados obtidos no momento de metacognição da aula.

Diante da tarefa colocada, os alunos elencaram aprendizagens distintas situando-se em diferentes categorias que na listagem abaixo discriminámos. A análise preliminar dos dados permitiu, assim, uma primeira definição de ideias de natureza substantiva e também ideias de compreensão histórica:

- **Não respondeu** - o aluno não respondeu as questões colocadas;
- **Incoerência** - o aluno refere assuntos fora do contexto da temática em abordagem;
- **Elogios** - Perante a dificuldade em construir as suas próprias ideias referentes à temática em abordagem para a resolução da tarefa orientada pelo professor, os alunos teceram elogios às fontes e apresentaram considerações de carácter alternativo;
- **Sobre História da África** – refere-se à categoria em que os

alunos atribuem as dificuldades (atrasos) em que Angola se encontra submetida, aos processos relacionados com a Colonização e Tráfico de escravos. Com particular relevância, referem-se ao cenário de miséria, sofrimento, de mortes, do caos, e que os africanos se viram vítimas de expedições estrangeiras que dizimou os filhos da África ao longo da história;

- **A exploração científica** – os alunos enquadram as suas respostas sobre os conceitos em estudos situando-se na exploração científica, em que os estrangeiros tinham o objetivo de fazer o reconhecimento do território e elaborar o mapeamento do Continente Africano;

- **Invasão da África** - nesta categoria o passado é entendido como fruto da entrada violenta e arrogante dos estrangeiros no continente africano;

- **Partilha da África** – o passado é entendido e explicado à luz da divisão entre várias companhias privadas que tinham concessões de exploração no território africano;

- **Valores (orgulho)** – nesta categoria os alunos reconhecem valores aos africanos por terem suportado períodos dolorosos da sua história;

- **Colonização portuguesa** – para esta categoria os exemplos dos alunos referem-se aos portugueses como os culpados da sua situação atual;

- **Exploração económica** – conferem respostas ao passado, considerando o despojo, o facto de os traficantes estrangeiros terem construído as suas feitorias para o comércio de mão-de-obra escrava, a “madeira de ébano” entre outros, que foram arrancadas e exportadas pelos comerciantes deixando a África bastante arruinada;

- **Vários países colonizadores** – o passado é compreendido como um continente que foi dividido pelos países europeus, um continente que tinha zonas da Itália, da Alemanha, do Reino Unido, da Holanda, da Espanha, da Bélgica, de Portugal entre outros;

- **Redescoberta** o passado é entendido como a vinda de estrangeiros, Romanos, Árabes, Europeus, vindos para o continente com a pretensão de descobrirem um novo mundo desconhecido para os mesmos, mas que sempre existiu.

Apresentam-se, de seguida, alguns exemplos de respostas dos alunos à

tarefa respeitante ao nono momento, no quadro das respectivas categorias de análise conforme o quadro seguinte.

Categorias	Exemplos de respostas
Não respondeu	A aula que eu já tive com a professora eu gostei muito deu força e coragem que continua sempre assim professora. Da vez passada entendi, mas hoje não entendi não sei porquê (António).
Incoerência	<p>Eu Gostei tanto das aulas.</p> <p>Os temas que a professora escreveu no quadro foram muito importantes para mim.</p> <p>Os temas só falam da África é por isso que é muito importante em Africa é para nós sabermos mais coisas em África (Roni).</p>
Elogios	<p>Gostei da aula da professora que volte mais para nos dar mais conhecimentos.</p> <p>Muito obrigada (Júlio).</p>
História da África	<p>Durante as aulas passadas com a professora nova gostei muito só que alguns temas não estavam muito claro para mim.</p> <p>O tema das descobertas e curiosidade contínua científica e o espírito de aventura dos exploradores, que os europeus exploraram o nosso continente e me fez conhecer mais o nosso continente (Tânia).</p>
Exploração científica	<p>Durante o tema o que mais me marcou foi o monto das disputas nas ocupações das terras onde não havia lista de quem podia ter mais parcelas.</p> <p>O momento de classificar as figuraças em que alguns depois de pôr fim as disputam, alguns impérios sentiam saudade de puder voltar a dominar África (Catarina).</p>
Partilha da África	<p>Aprende que os exploradores e viajantes que o continente africano foi repartido pelos europeus a procura de mão-de-obra barata para poder fazer.</p> <p>Henrique de Carvalho, Serpa Pinto e Silva Porto também deram o seu contributo, isto é, ajudando fundaram algumas províncias em Angola</p>

	(Tainara).
Invasão da África	<p>Gostei de todas as questões que me foi dada entendi na totalidade.</p> <p>Gostei da explicação da professora que é incrível.</p> <p>Aprendi a definição de partilhas invasão, e a redescoberta.</p> <p>Vi também que o explorador inglês político depois da pesquisa dos diamantes e ouros ficou o dono de grande fortuna.</p> <p>Foi uma aula muito bonita e bem explícita (Paulo).</p>
Partilha da África	<p>Na aula de hoje aprendi como foi feita a divisão dos países por parte dos europeus.</p> <p>Também como fomos colonizados por portugueses. E porque eles lutavam em entrar no continente e fiquei a saber de uns dos exploradores dos quais eram Serpa Pinto, o Henrique de Carvalho e Silva Ponto eles foram um dos exploradores.</p> <p>E na aula passada aprende que as que estavam no mapa representavam países que colonizaram todo o continente africano (Carlos).</p>
Colonização portuguesa	<p>Aprendi sobre os países que colonizaram os outros visto que já sabia, mas não com tanta certeza. Onde vi nomes de figuras importantes como Silva Porto, Serpa Pinto e Henriques de Carvalho (Leví).</p>
Redescoberta	<p>O que mais gostei na aula de aprender o que participei é redescoberta, onde se precisava saber por parte do europeu aquilo que os africanos tinham nas suas vidas independentes. E queriam aprofundar os seus conhecimentos acerca da África (Olívio).</p>
Exploração económica	<p>Na aula passada falamos da invasão e partilha.</p> <p>Onde aprendi que a partilha é a divisão bens, de herança, de lucros, vimos também o que era uma redescoberta, é nova visão ou interpretação de algo já se conhece.</p> <p>Falamos ainda dos exploradores que eram viajantes que exploravam regiões desconhecidos.</p> <p>Vimos que os exploradores, exploravam a África porque encontravam novidades, coisas novas (Joaquina).</p>

<p>Vários países colonizadores</p>	<p>Na aula de hoje aprendi como foi feita a divisão dos países por parte dos europeus.</p> <p>Também como fomos colonizados por portugueses. E porque eles lutavam em entrar no continente e fiquei a saber de um dos exploradores dos quais eram Serpa Pinto, o Henrique de Carvalho e Silva Porto eles foram um dos exploradores</p> <p>E na aula passada aprendi que as que estavam no mapa representavam países que colonizaram todo o continente africano (Marla).</p>
<p>Valores</p>	<p>Falar das razões me orgulhei muito por que então depois de nos sofrer varias consequências de invasão exploração depois viram que razões tinham o povo Africano.</p> <p>Conhecer dos exploradores de Angola que ate agora existe o nome em cada província e gostei nunca tinham visto estes agora conheci nunca mais me vou esquecer como exemplo: Silva Porto, Serpa Pinto e Henriques de Carvalho (Núria).</p>

Categorias e exemplos referentes à elaboração da síntese.

Como se constata pelos exemplos acima apresentados, o quadro (1) sugere que 24,4 das respostas dos alunos encontram-se ao nível da categoria (Invasão da África), 14,6% na categoria (Exploração científica), 12,2% na categoria (Sobre História da África), 9,8% incidem nas categorias (Exploração económica e Redescoberta) outro grupo de alunos situaram-se nas categorias (Não respondeu, Elogios, Invasão da África, Valores e colonização), respetivamente. Também registaram-se fracas incidências nas categorias (Incoerência e Vários países colonizadores), respetivamente.

Categorias	Frequência	Percentagem
Não respondeu	2	4,9
Incoerência	1	2,4
Elogios	2	4,9

Sobre a História da África	5	12,2
A exploração científica	6	14,6
Invasão da África	10	24,4
Partilha da África	2	4,9
Valores (orgulho)	2	4,9
Colonização portuguesa	2	4,9
Exploração económica	4	9,8
Vários países colonizados	1	2,4
Redescoberta	4	9,8
Total	41	100,0

Tabela 1 - Respostas colhidas durante a aula (Narrativas)

Reflexões

As respostas dos alunos após a experiência construtivista, demonstra a riqueza das informações avançadas pelos alunos em torno do tema em foco. Independente de que é notório algumas dificuldades na realização de tarefas que exijam do aluno o trabalho independente e a mobilização de ferramentas intelectuais para se produzir uma narrativa inteligível.

Observa-se que uma boa parte dos alunos situaram-se nas categorias (Incompreensão, Elogios, Invasão da África, Valores e Colonização), respetivamente. O que reforça a preocupação de que é imperioso que se estimule a mobilização das ideias e de objetividade históricas, através do cruzamento das fontes como evidência histórica segundo os autores (Barca, 2000; Dray, 1980; Ashby, 2006).

Nas respostas dos alunos, pode-se perceber quão comum são os conhecimentos respeitantes à colonização, a Invasão e Partilha da África, pois quase que se apoiaram nos conteúdos ministrados anteriormente para responder às questões. A associação da pobreza da África com os processos de colonização e partilha da África ficou evidente. Contudo, os seus insights não foram utilizados para realizar a tarefa orientada.

As deficiências constatadas neste tipo de experiências, demonstram algumas deficiências que apresentam os alunos relacionados com a epistemologia e a pedagogia contemporâneas, denominadas por mudanças conceptuais Santos (1998), já que esta mudança nos auxilia na compreensão da evolução do pensamento dos alunos ao longo da experiência real em sala de aula, em que as ideias prévias deviam ser articuladas com as novas, para serem empregues apropriadamente na realização satisfatória da tarefa orientada.

ANEXOS



Cobiça pela África

- Deu-se um grande interesse dos países europeus pelo continente Africano.
- Realizaram-se várias explorações.
- Os exploradores Stanley Livingstone e Brazza, percorreram o interior de África, desbravando zonas desconhecidas.



(Atualidades/Vestibular 2005, 1º sem., ed. Abril, p. 68)

Referências Bibliográficas

Barca, I. (2000). *O pensamento Histórico dos Jovens. Ideias dos Adolescentes acerca da Provisoriedade da Explicação Histórica*. Braga: CEEP e IEP, Universidade de Minho.

- Barca, I. (2004). Aula oficina: Do Projeto à Avaliação. In. I. Barca (org.), Para uma educação histórica de qualidade (pp. 55 – 74). Braga: CEEP, Universidade do Minho.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70.
- Dray, W. (1980). *Perspectives on history*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Lee, P. (2001). Progressão da compreensão dos alunos em História (pp 13-27). In Barca, I. (org.). *Perspetivas em Educação Histórica*. Braga: CEEP, Universidade do Minho.
- Machado, A., Alves, Maria., & Gonçalves. R. (2011). *Observar e avaliar as práticas docentes*. Portugal: De Facto Editores.
- Santos, M. (1998). *Mudança conceptual na Sala de Aula: Um Desafio Pedagógico Epistemologicamente Fundamentado*. Livros Horizonte. Lisboa.